

editorial

continuação

Liberdade - Eu sou Charlie

Mais do que o uso da liberdade de imprensa ou de expressão, o Charlie estava muito para lá, uma vez que se tratava de exercício da liberdade pura, no sentido mais profundo do termo, ao aceitar dizer tudo o que queriam, independentemente de chocarem muitas sensibilidades.

Os que faziam Charlie Hebdo eram verdadeiros iconoclastas, para os quais não havia ícones sagrados, líderes amados ou deuses incontestados. Tudo era possível na ponta do lápis. Mas só na ponta do lápis.

Provavelmente, se fosse possível saber depois da sua morte, o que pensariam sobre o seu assassinato, talvez fossem os primeiros a desculpá-la e a justificá-la, pela razão que atribuíam à ignorância e à loucura dos seus sequazes, por acreditarem piamente em verdades indemonstráveis.

Recordo a sua capa inacreditável, para os olhos mais sensíveis, aquando da morte do Presidente da República francesa, Georges Pompidou, em 1974, tal como o haviam feito antes com De Gaulle, no Hara Kiri, o que levou ao encerramento desta primeira publicação com a acusação de "pornografia". O nome do novo jornal resultou de uma irónica homenagem a esse castigo, chamando à nova publicação - o próprio "petit nom" de Charles De Gaulle.

Evoco uma história local dos finais do século XIX em que Bordalo Pinheiro teve nas Caldas uma atitude idêntica em relação a alguns dos endeusados dessa época - o John Bull como símbolo do Império Britânico, que o ceramista transformou em escurador e penico. Que maior ofensa podia ser feita aos nossos mais antigos aliados?

O que aconteceu em Paris na passada semana é fruto do momento pesado de muitas intransigências, bastantes das quais se fundam nos integristas e nos fundamentalismos, quando hoje tudo é incerto e discutível.

A liberdade deve ser um exercício permanente de livre pensamento crítico, em que todos devemos compreender ou tentar compreender o outro, provavelmente dando a vida, para que outros possam pensar diferente.

JLAS



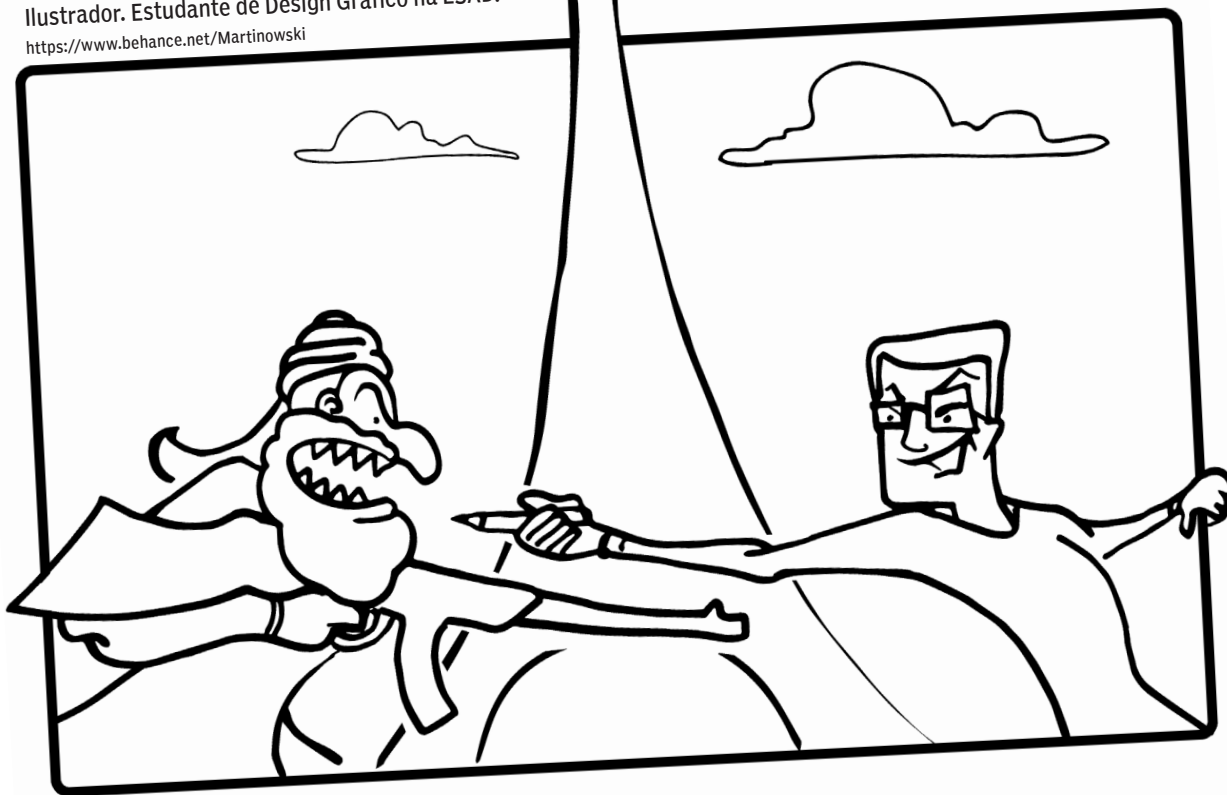
Tiago Colaço - Ilustrador. Ex-aluno da ESAD.

JE NE SUIS PAS CHARLIE, JE SUIS HUMAIN ET JE SUIS FATIGUÉ DE CETTE INHUMANITÉ !

"Não... isso não é uma balança, onde pesamos quem é mais culpado. É apenas uma reflexão de cada uma das acções e seus resultados. É o momento de reflectirmos e avaliarmos, quem julgamos estar certo ou até mesmo errado. Há limites para a liberdade? O que é Libertinagem? E o que temos feito terrorismo nem mesmo sou Charlie, os motivos... são outra história, o que interessa agora é reflectir nos dois lados."

H. R. Martinowski

Ilustrador. Estudante de Design Gráfico na ESAD.
<https://www.behance.net/Martinowski>

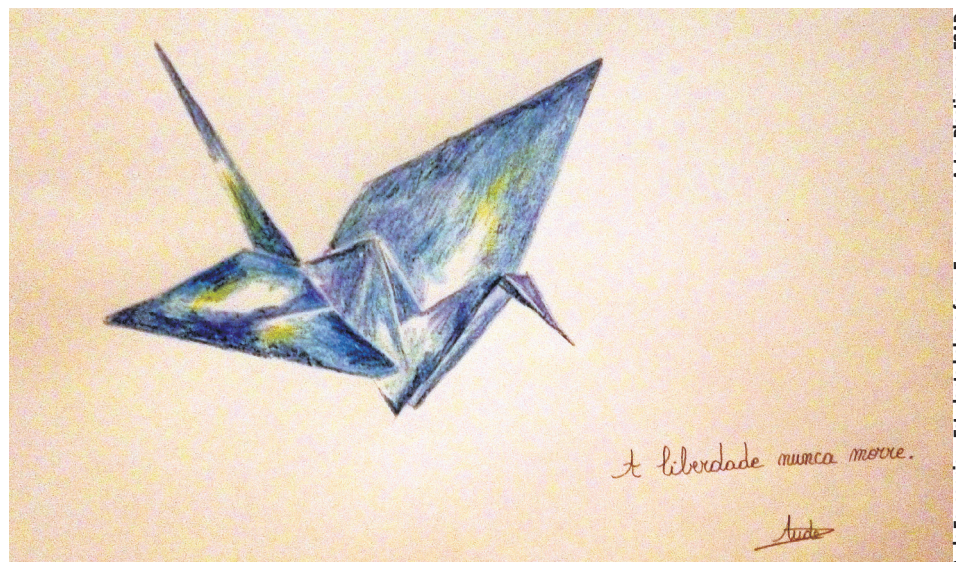


LIBERDADE OU LIBERTINAGEM?

HR



Diogo Braga - Estudante da ESAD



Arde Fauconnier - Estudante belga a fazer Erasmus em Artes Plásticas na ESAD

“Nunca pensei que fazer cartoons pudesse ter estas consequências”

Bruno Prates, o cartoonista caldense que na semana passada iniciou uma nova colaboração na Gazeta das Caldas, diz que o atentado de Paris lhe fez uma grande confusão. “Se calhar só agora é que senti o que era ser cartoonista”, disse.

Quando soube do ataque ao **Charlie Hebdo**, Bruno Prates sentiu-se confuso e reconhece que a situação mexeu com ele. “Não quer dizer que eu tenha pesadelos com isso, mas nunca pensei que fazer cartoons pudesse ter estas consequências”, disse. De alguma forma sentiu que renasceu agora para a profissão e que esta ganhou uma nova dignidade. “Se calhar só agora é que senti o que era ser cartoonista”.

Bruno Prates nasceu há 36 anos nas Caldas da Rainha e desde miúdo que fazia desenhos. Estudou na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro e no pólo caldense da antiga Escola Superior de Educação de Leiria. É professor do ensino básico na vertente de Educação Visual e Tecnológica.

Como professor tem tido a vida de saltimbanco que, em Portugal, esta profissão acarreta. Já trabalhou em 12 escolas. Em Odemira, Leiria, Malveira, Óbidos, Alcobça e Caldas da Rainha.

Mas a par desta carreira, tem desempenhado a actividade de cartoonista. O seu primeiro desenho foi publicado em 1997 no *Região de Cister* e no ano seguinte inicia uma colaboração de um ano com a **Gazeta das Caldas**. Em 2003 retoma essa colaboração que durará quatro anos.

Na semana passada Bruno Prates regressou às páginas do nosso jornal, mas desta vez com um novo enquadramento, com o patrocínio do Pachá/Casa Antero. A nova rubrica da **Gazeta** chama-se **Caldastoon** (recuperando o nome pelo qual este autor já é conhecido no Facebook), sai na penúltima página, irá durar um ano e pretende satirizar tudo o que se passa nas Caldas da Rainha e na região Oeste, com algumas incursões à actualidade nacional e internacional.

O nosso jornal pediu-lhe um cartoon alusivo ao atentado ao **Charlie Hebdo**, mas Bruno Prates antecipou-se e já tinha feito três. Um deles, com a Torre Eiffel em forma de lápis, até tem quase uma réplica publicada num jornal norte-americano, mas Bruno diz que desenhou primeiro o seu.

Voltando aos sangrentos acontecimentos de Paris, o cartoonista diz que os homens e mulheres que tombaram na redacção do **Charlie** “morreram por uma causa que é a liberdade de expressão, traduzida, neste caso no cartoon satírico. Morreram não por amor, mas sim pelo humor”.

Bruno Prates sublinha que eles já tinham sido ameaçados e que sabiam os riscos que corriam, mas que, mesmo assim desafiaram os radicais.

Mas contesta o lugar comum de que “eles se puseram a jeito”: “Nada disso. Eles eram profissionais. Aquilo era o trabalho deles e limitaram-se a continuar a trabalhar naquilo que sabiam fazer. Não podiam deixar de o fazer”.

Carlos Cipriano
cc@gazetacaldas.com



Bruno Prates é o autor do **Caldastoon**, a nova rubrica da **Gazeta**



Eu sou Charlie

Não posso, não quero, deixar de me associar, com breves palavras que as lágrimas já adubaram o nosso chão, a esta homenagem ao **Charlie**, que somos agora todos, e desejar a sua continuidade.

Muitas vezes piquei os desenhos dos agora barbaramente assassinados.

Todos eles eram também ecologistas, iconoclastas e radicais.

O **Charlie Hebdo** na linha de referências do movimento ecologista e anti-nuclear como o *Sauvage* ou *La Gueule Ouverte* (as lutas contra o campo militar de Larzac ou a central nuclear

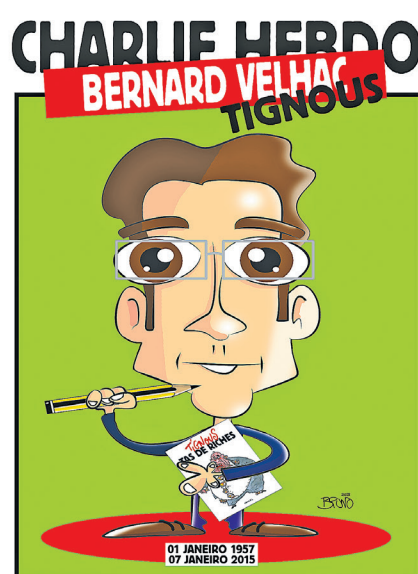
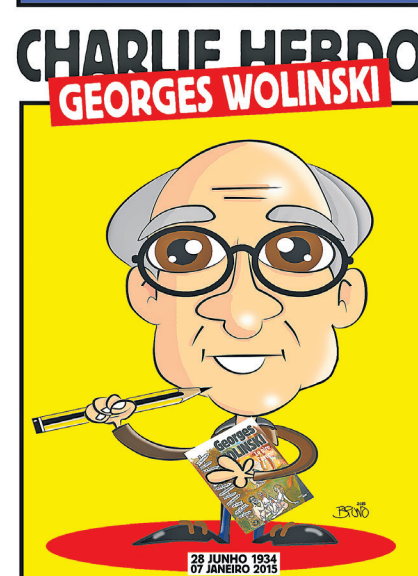
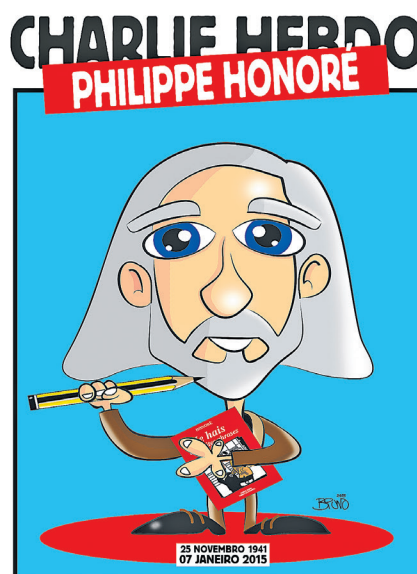
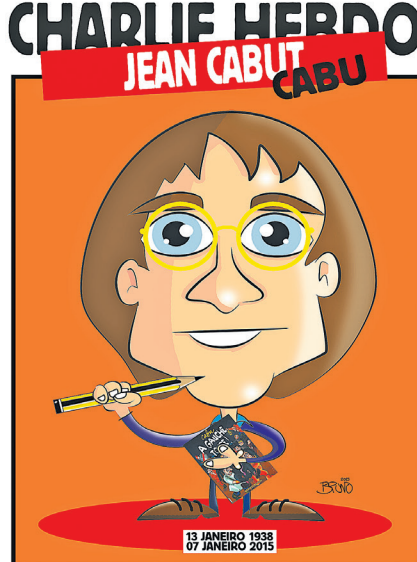
de Plogoff, ambas ganhas, tiveram estes na frente!) foi sempre um jornal na 1ª linha da crítica ao capitalismo predatório de sem regras, ao industrialismo e ao nuclear, os seus desenhadores eram herdeiros de todas essas tradições, no seu traço, na sua postura, na sua alegria, irreverente e louca.

No momento em que a liberdade de imprensa, as nossas liberdades públicas estão, novamente ameaçadas temos que empenharmo-nos mais que nunca em dar força à opinião e à solidariedade.

António Eloy

ANJOS DE CHARLIE CARTOON HOMENAGEM

por BRUNO PRATES



facebook/desenhosdobruno

